

NICKY PELLEGRINO

ACONTECEU EM ROMA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA ÁLVARES

ASA

NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Em cada porta há uma fotografia. Mostram-nos como éramos dantes – não assim, gastos pelo tempo, curvados pela idade e quase sem ligação com a vida. Em algumas delas veem-se fotografias de noivas sorridentes de braço dado com maridos há muito desaparecidos. Noutras, mulheres com bebés nos braços ou rapariguinhas de vestidos de comunhão brancos. Éramos belos, fortes e saudáveis. Éramos jovens.

Aqui no Lar da Nossa Senhora da Graça vivemos atrás destas portas. Há uma fotografia pendurada na minha como em todas as outras. Tiraram-na da velha moldura, remetida agora com os restantes retalhos da minha vida para a gaveta de baixo do guarda-vestidos. Do pessoal que aqui trabalha, poucos param para a olhar e ninguém me perguntou nada a respeito dela. Devem pensar que o homem que está ao meu lado é meu marido mas, claro, nunca o foi. Teria sido impossível.

Ele estava a sorrir e era lindo de morrer. Tinha o cabelo escuro com risca ao lado e penteado numa popa perfeita, e os ombros parecem largos graças ao conveniente enchimento do casaco elegante. A mim, parece-me cansado, mas, vendo bem, eu sei da história por detrás da fotografia. Recordo tudo o que há para recordar sobre a

altura em que foi tirada com muito maior clareza do que recordo aquilo que aconteceu na semana passada ou mesmo ontem.

Nunca digo o nome dele a ninguém. Os mais velhos, se soubessem, podiam não acreditar, e os mais novos não iriam importar-se. Talvez o reconhecessem, mais cedo ou mais tarde, pois não foi esquecido, tenho a certeza. Mas, realmente, quem nos juntaria aos dois? Quem imaginaria que, certa vez, a minha vida se cruzou com a dele e mudou completamente?

Um dia destes poderei partilhar a minha história se encontrar uma pessoa com tempo para ouvir. Mas não a desfiarei a meio do banho apressado que me dão na cama nem a tentar conversar enquanto me ajeitam as almofadas e esticam a colcha, perguntando «Como se sente hoje, *signora?*» Nunca se deram ao trabalho de esperar por uma resposta.

Seja como for, a minha história não começa com ele. Começa com uma mulher a debruçar-se da janela de um edifício coberto de hera, em Trastevere, e a gritar para a rua estreita: «Serafina... Serafina... Sera-fiiin-aaaa.»

ANOS DOURADOS¹

«Serafina... Serafina... Sera-fiiin-aaaa.» A voz da minha mãe ouvira-se através de portas fechadas; galgava lanços de escadas e quando ela se debruçava da janela do nosso prédio de Trastevere ecoava até à rua estreita lá em baixo.

Era a mim que ela chamava mais vezes pois era eu a mais velha das três filhas. Quando era preciso levar roupa para a *lavanderia* ou ir buscar comida ao mercado, ou fazer laçarotes no cabelo das minhas irmãs, era o meu nome que ela gritava. «Serafiinaaa.»

A minha mãe ainda era bela nessa altura. Mesmo vestindo uma bata gasta, com o cabelo escuro apanhado num puxo na nuca, era deslumbrante. Tinha lábios cheios, cor de coral e olhos como os dos gatos, que ela delineava diariamente a preto com todo o

¹ Com exceção do primeiro e do último, todos os capítulos receberam nomes de canções interpretadas por Mario Lanza (*Serenade* é também um filme). São elas: «Golden Years», «My Destiny», «Serenade», «Ave Maria», «Be My Love», «Fools Rush In», «And Here You Are», «Come Dance With Me», «Drink, Drink, Drink», «Cosi Cosa», «Day In, Day Out», «If», «The Loveliest Night Of The Year», «All The Things You Are», «More Than You Know», «There's Gonna Be A Party Tonight», «Because», «The World Is Mine Tonight», «You Are Love», «With A Song In My Heart», «A Little Love, A Little Kiss», «When You're In Love», «A Kiss In The Dark», «Memories», «Softly, As In A Morning Sunrise», «The Lord's Prayer», «I Walk With God», «Arrivederci Roma», «I'll See You In My Dreams», «One Alone», «And This Is My Beloved», «Deep In My Heart, Dear». (*N. da T.*)

cuidado antes de agarrar na malinha branca brilhante com uma pega dourada e sair para a noite.

As roupas dela eram muito bem confeccionadas – vestidos com cintura de vespa e saias rodadas, blusas ciganas que lhe deixavam os ombros à mostra. A maior parte das coisas, fizera-as ela na máquina de costura que guardava no nosso quarto. A minha mãe podia ter sido costureira, só que descobrira outra maneira de ganhar dinheiro, uma que ela preferia.

Ao fim do dia era seu hábito deixar-me a mim e às minha irmãs com os pratos da loiça suja e ir beber calmamente um *aperitivo* com as amigas no café mais próximo, antes de se lançarem todas ao trabalho. Estávamos habituadas a sermos deixadas sozinhas. A Mamma queria que arrumássemos tudo e fôssemos para a cama cedo mas claro que lhe desobedecíamos.

Em algumas noites pegávamos nas revistas que ela trazia para casa e ficávamos a olhar para as fotografias das estrelas de cinema: Rita Hayworth, Ava Gardner e a nossa Gina Lollobrigida. Como seria ser-se assim tão famosa e tão bela?

A Mamma não se importava que folheássemos as revistas dela, mas poderia ter ficado zangada se me visse tirar os seus preciosos discos das capas, pô-los no gira-discos e baixar cuidadosamente a agulha. Tinha tanta música: *jazz* americano, canções de amor napolitanas e até alguma ópera. Mas o meu cantor preferido, aquele cuja voz me falava ao coração e me deixava arrepiada de prazer, era Mario Lanza.

– Ele nem sequer é um italiano verdadeiro – desdenhava sempre a minha irmã Carmela. – E olha para ele nesta foto, é gorducho.

– Mas ouvi-o cantar – dizia eu. – Há coisa mais bela?

– Se puseres o disco a tocar vezes de mais vais gastá-lo e depois a Mamma vai saber o que tens andado a fazer – dizia-me a Carmela. Ela tinha catorze anos, que era a idade que eu tinha quando me tiraram da escola para ajudar a cuidar dela e da minha irmã mais pequena, a Rosalina.

A Carmela tinha uma voz linda. Até a acompanhar os discos da minha mãe soava divinamente. Muitas vezes, nos meses mais quentes, depois de as ir buscar a ela e à Rosalina à escola, levava-as à Piazza Navona, onde a Carmela cantava para os turistas.

Tinha um sítio preferido onde ficar, mesmo ao lado de uma das fontes. Assim que abria a boca as pessoas juntavam-se e começavam a atirar moedas para o chapéu de palha que pousávamos no chão. Às vezes eu e a Rosalina acompanhávamo-la, pois também cantávamos alguma coisa. Mas era a Carmela que tinha o verdadeiro talento. Sonhávamos que um dia ela seria descoberta e que depois todas seríamos ricas.

Assim que o chapéu estivesse cheio de liras, parávamos para as contar. Se houvesse dinheiro suficiente, deliciávamo-nos com gelados ou *Coca-Cola* e depois íamos ver um filme.

Os musicais eram os nossos preferidos e acontecia muito vermos os mesmos uma vez e outra. Já tinha visto *Serenade* tantas vezes que acho que o sabia de cor. E passava-se o mesmo com *The Toast of New Orleans* e *Because You're Mine* – os filmes todos de Mario Lanza.

– Estás apaixonada por ele, não estás? – acusava a Carmela.

– E se estiver? – retorquia eu.

Não via nada de errado em estar apaixonada por uma estrela de cinema. Mario Lanza era melhor do que qualquer homem que eu conhecesse. Os seus olhos cintilavam, o seu sorriso era amável. Sentar-me numa sala escura a olhar para a imagem dele no ecrã era reconfortante. E quando ele cantava «Be My Love», tudo era genuíno e perfeito, tal como as coisas românticas deveriam ser. Ele era tão diferente dos rapazes de Roma que ficavam a olhar quando eu passava, perseguindo-me com apupos e assobios. Ou os homens mais velhos e demasiado afoitos que deviam saber que eu era filha da minha mãe.

Imagino que era uma rapariga bonita. Tinha os lábios da minha mãe e gostava de pensar que herdara os olhos cinza-esverdeados do meu pai, embora nunca tivesse visto nenhuma fotografia dele.

Tinha o cabelo escuro e liso, apanhado num rabo de cavalo alto. Usava saias largas, blusas bem passadas abotoadas até ao pescoço, um cinto estreito à volta da cintura. E era mais alta do que as outras raparigas, por muito que encolhesse os ombros para ficar à altura delas. Não admira que as pessoas olhassem para mim.

A Mamma tinha orgulho na minha aparência. Costumava maquilhar-me o rosto, exclamando então que me fazia parecer muito mais velha. Cobria-me as pestanas de dourado e borratava-me os lábios de cor-de-rosa. Eu limpava a cara até não haver qualquer vestígio assim que ela me deixava.

Pergunto-me se a Mamma algum dia percebeu o que a Carmela, a Rosalina e eu fazíamos com as nossas tardes de verão. Pode ter escolhido não reparar. Na maior parte dos dias ela dormia até tarde e a seguir tomava um banho demorado, arranjava as sobrançelas, pintava as unhas. Mesmo que soubesse que as minhas irmãs às vezes simplesmente faltavam à escola, era possível que não se importasse. Desde que soubessemos o suficiente para que não tentassem ludibriar-nos no mercado de Testaccio, a Mamma estava feliz.

A única coisa em que ela insistia era que todas estudássemos um bocadinho de inglês. Ela própria aprendera a falar alguma coisa, para os americanos, durante a guerra, e todos os dias nos fazia repetir uma frase nova. Já se revelara útil. Os turistas que ficavam a ouvir a Carmela na Piazza Navona pareciam gostar que os cumprimentássemos na língua deles e lhes desejássemos umas boas férias. Muitas vezes riam-se e davam-nos mais algumas moedas.

– Eu nasci a cantar – anunciava a Carmela. – Fiquem e ouçam-me a cantar mais canções. Sei imensas canções americanas, além das italianas.

E então ela talvez cantasse «Be My Love» por saber que era a minha preferida, alcançando as notas sem esforço, a sua voz doce como pêssegos maduros e mel.

– No instante em que parecer ter idade suficiente, procuro trabalho como cantora em clubes noturnos – prometia a Carmela

quando nos sentávamos ao lado da fonte a comer os gelados. – Um dia a minha voz vai tornar-me famosa. E aí compro um grande *palazzo* perto do mar e viveremos todas juntas quando eu não estiver a fazer discos e filmes.

– Não quero viver num *palazzo* à beira-mar – resmungava a Rosalina, lambendo as gotas de pistácio que escorriam do cone.
– Quero ficar aqui em Roma e vender *gelato* na Piazza Navona.

– Comias mais do que vendias – desafiei-a, a rir-me. – Não sobraria *gelato* para ninguém na tua banca.

– Claro que sobraria – insistia ela. – E ia ser mais rica do que a Carmela porque ia ter os melhores sabores. E depois comprava um grande apartamento em Trastevere e tínhamos as nossas próprias camas, em vez de termos de dividir.

Todas as noites nos enfiávamos as três, apertadas, na mesma cama de casal. Quando a Mamma chegava a casa, muitas vezes muito tarde, a Rosalina era erguida em braços e depositada num colchão pousado no chão, por ser a mais pequena e dormir mais profundamente. Quando acordava de manhã e percebia que estava ali, punha-se sempre a choramingar e a tentar enfiar-se por baixo dos cobertores, para se juntar a nós.

O nosso apartamento era muito pequeno, apenas duas divisões acanhadas num edifício a desfazer-se; uma era onde dormíamos todas e a outra era uma sala com um fogão a gás, de um bico, no qual eu fazia o jantar todas as noites. Era um sítio húmido, escuro e atulhado com os nossos pertences. Nem sequer tínhamos quarto de banho – apenas uma divisão comum ao fundo do corredor, onde nos lavávamos e usávamos a latrina. Talvez tivéssemos encontrado um sítio mais agradável se estivéssemos dispostas a mudar-nos para outra parte da cidade, mas a Mamma recusou sempre.

– Somos *Trasteverini*... vivemos no coração de Roma – dizia-nos. – Porque queríamos estar noutra lado?

Ela adorava o labirinto de ruas estreitas, os altos edifícios de terracota com vãos em arco e plantas a trepar pelas paredes, a roupa pendurada a secar, a velha *signora* sentada à soleira da porta a

descascar ervilhas ao sol da manhã, os homens que punham mesas rebatíveis na calçada e passavam metade da tarde de volta dos seus jogos de cartas, a discutir, as alminhas coloridas nas esquinas. A Mamma gostava da vida de Trastevere.

Todos os domingos de manhã nos levava à missa na antiga igreja da Piazza di Santa Maria. Entrávamos sempre discretamente, um bocadinho atrasadas, e instalávamo-nos nos bancos de trás, fitando a fila de colunas até aos mosaicos brilhantes que encimavam o altar. A Mamma usava um lenço para esconder o cabelo brilhante como cobre polido e apertava modestamente o vestido no pescoço. Baixava a cabeça e fechava os olhos enquanto rezava. Muito antes de a celebração terminar, chamava-nos e, com um dedo encostado aos lábios, fazia-nos regressar ao exterior. Muitos anos depois compreendi porquê. Havia homens em Santa Maria que talvez ficassem constrangidos ao ver a minha mãe ali e mulheres que talvez adivinhassem porquê.

Mal chegávamos à *piazza*, ela tirava o lenço do cabelo. – A que café é que vamos, meninas? – desafiava, já mais alegre e mais igual a si mesma. – Serafina, não é a tua vez de escolher? Aonde preferes ir?

Ao domingo a Mamma deixava que nos sentássemos com ela, à sombra dos guarda-sóis ou na mesa abrigada de um café, e pedíssemos o que quiséssemos. Escolhíamos à vez o café ao qual íamos. A Rosalina adorava o da Piazza di Santa Maria porque habitualmente havia crianças com quem podia brincar ao lado da fonte; a Carmela gostava sempre de experimentar um sítio novo, e o meu preferido, como toda a família sabia, estava escondido no fundo de uma viela estreita e parecia que não mudava há séculos.

A Mamma estragava-nos com mimo ao domingo, oferecendo-nos pratos fundos de *gelato* e bolos a mais, enquanto bebericava o seu *espresso* e fumava um cigarro. Muitas vezes comprava a revista *Confidenze* no quiosque da *piazza* e enquanto a folheava criticava as estrelas cujas fotografias eram escrutinadas por todas. – Vejam esta Sophia Loren... que pena o nariz dela... tão fininho e as narinas

são grandes de mais. Coitada, não é? E a Gina Lollobrigida, um amor, mas olhem para o cabelo dela, sempre desalinhado. – Ao dizê-lo, passava a mão pelo seu próprio cabelo. – Seria de pensar que com o dinheiro todo que tem conseguisse fazer alguma coisa dele.

– Tu devias ser uma estrela de cinema, Mamma – dizia-lhe a Rosalina com a boca cheia de *cornetto* de nata. – És muito mais bonita do que a *signora* da revista.

A Mamma ria e beliscava com carinho a bochecha da minha irmãzinha. – Gostavas que eu fosse famosa, *cara*?

– Eu também podia ser famosa? E a Carmela e a Serafina? – perguntava a minha irmã.

– Imagino que sim... porque não?

– Então sim, gostava – decidia a Rosalina.

Foi a Carmela que encontrou a notícia escondida na revista da Mamma. – Oh! Vejam! Está aqui qualquer coisa sobre o Mario Lanza. – Tinha a testa franzida, na tentativa de distinguir as palavras. – Acho que diz que ele vem a Roma.

– Deixa-me ver. – Tal como a Carmela, eu lia devagar e não me era nada fácil. Seguindo cada linha com o dedo, proferia as palavras lentamente. – Dizem que Mario Lanza vem fazer um filme em Itália chamado *Arrivederci Roma*. Virá da sua casa na América com Betty, a esposa, e os quatro filhos... Ah! E vejam! Tem uma fotografia deles no fundo da página. Não estão todos tão lindos?

A minha mãe ficou uma data de tempo a contemplar a revista. Eu pensava para comigo se ela não estaria a posicionar-se na fotografia ao lado de Mario, imaginando-se vestida com o casaco chique de mangas drapeadas que a mulher dele trazia, de mãos dadas com crianças perfeitas, com roupas a condizer.

Aguardei, prevendo que ela fizesse alguma crítica mas, pelo menos daquela vez, parecia que não encontrara nada para criticar.

– Achas que vamos conseguir conhecê-lo, Mamma? Pedir-lhe um autógrafo? – A Carmela fingia sempre não se importar com Mario Lanza mas até ela parecia entusiasmada. – Talvez se ele ficar aqui em Roma possamos ouvi-lo cantar?

A Mamma encolheu os ombros e murmurou «Talvez... Veremos», o que significava que não lhe parecia muito provável.

Uma vez ingerida a dose de guloseimas, saíamos do café e seguíamos pelas ruas sinuosas de Trastevere até chegarmos à nossa rua. A Mamma gostava de descansar aos domingos à tarde, besuntando o rosto com leite de limpeza para alisar a pele e pondo rolos no cabelo, deitando-se a seguir para a sesta. – Deem-me um pouco de paz, meninas – murmurava. – Está uma tarde tão bonita, porque não vão dar um passeio? Tem só cuidado para voltares a tempo de cozinhar a *pasta* para o jantar das tuas irmãs, Serafina.

Nunca tive noção da liberdade que tínhamos, percorrendo Roma de um lado ao outro, indo aonde quer que nos apetecesse. Quando tínhamos sede, a Carmela tirava o chapéu da cabeça, punha-o no chão e começava a cantar. Rapidamente se enchia com dinheiro suficiente para irmos a um café comprar garrafas de *aranciata* gelada. Se estivéssemos entre as multidões compactas de turistas perto do Coliseu ou do Panteão e a Carmela estivesse com boa voz, o chapéu enchia-se muito mais depressa e podíamos comprar fatias de *pizza* ou *tramezzini*, os triângulos de pão branco e macio cheios de coisas saborosas. Até podíamos apanhar o elétrico para casa.

Habitualmente, quando nos aproximávamos do apartamento, ouvíamos a voz da Mamma muito antes de a vermos, de cigarro aceso na mão, debruçada sobre a varanda estreita onde cultivávamos as nossas ervas e tomates, chamando o meu nome.

«Serafina... Serafina... Serafiinaaaaa.»

O MEU DESTINO

Recortei o artigo sobre Mario Lanza da *Confidenze* e por segurança escondi-o numa caixa onde punha tudo o que era meu. Não havia grande coisa lá dentro. Só um lenço vermelho a que não queria que a Carmela deitasse as mãos, o cordão de ouro com uma medalha que me tinham dado quando era bebé e alguns postais de aniversário com a letra da Mamma. Tudo o resto, partilhávamos. As roupas que deixavam de me servir eram passadas para as minhas irmãs, os sapatos também, se não estivessem gastos de mais. Já brincara com a boneca que a Rosalina tinha agora nos braços, e as suas fitas cor-de-rosa haviam prendido o meu cabelo.

Não queria que as minhas irmãs mexessem no meu recorte. Gostava de olhar para a fotografia de Mario Lanza de mãos dadas com as filhas. Eram umas rapariguinhas delicadas com conjuntos de um branco alvo, sapatos de pele brilhantes e meias. A legenda dizia que a de cabelo encaracolado se chamava Ellisa, e parecia ser tímida, de olhos postos no chão, enquanto a irmã mais velha, Colleen, parecia mais alta e mais confiante.

Eu nunca tive um *papa* que me segurasse assim na mão, com tanta firmeza e tanto orgulho. Se a Mamma sabia quem eram os nossos pais, não nos tinha dito. Suspeito que ela não fazia ideia.

Tinham sido tantos homens, e nenhum deles nada mais do que uma forma de ganhar a vida.

Nem por uma vez a Mamma trouxe um homem para o nosso apartamento. Talvez alugasse um quarto nalgum lado ou fosse para os hotéis deles; nunca ousei perguntar. Naquela altura não sabia o suficiente para ter vergonha do que ela fazia. A mim, parecia-me normal. No tempo que durara a guerra tinha sido o que alimentara a Mamma e a mim enquanto outras famílias passavam fome. Ela continuava glamorosa quando outras mulheres perdiam o brilho e a atenção. Nunca teve pele áspera nos pés nem pelos em sítios onde não devia tê-los. Ela e as amigas brilhavam com as suas argolas de ouro e andavam de saltos altos. Deixavam manchas de *bâton* em todos os copos de que bebiam e cheiravam a *L'Air du Temps* e *Acqua di Colonia*. O que elas faziam todas as noites depois de deixarem a sua mesa favorita do café da esquina não era objeto de muita conversa.

A Carmela tinha nascido durante a guerra. Tinha uma tez mais clara do que a minha e gostava de pensar que o pai dela era um soldado americano. A Rosalina tinha o aspeto de uma verdadeira italiana, de olhos cor de chocolate e uma pele que bronzeava profundamente no verão. Ainda me lembro do desespero da Mamma quando ficou grávida dela, por saber que as formas do seu corpo alargariam e que o dinheiro voltaria a ser escasso.

O homem que me gerou devia ser da cidade da Mamma. Ela nasceu nas planícies do Vesúvio, onde o seu pai era cortador de mármore. Assim que teve idade suficiente fugiu para Roma e agora raramente falava sobre a pessoa que tinha sido na vida que precedeu Trastevere. Mas havia coisas que ela detestava, que me faziam pensar que a família dela devia ser pobre – pedaços de carne barata que precisavam de horas de cozedura para ficar macios, roupas que estivessem remendadas e mal cerzidas, pratos lascados e tudo o que fosse em segunda mão. A Mamma gostava de coisas novas e brilhantes; adorava ter razões para sorrir. Nunca conheci outra mulher tão certa daquilo que era preciso para a fazer feliz.

Perguntar-lhe acerca dos nossos pais nunca nos levou a lado nenhum. A Carmela era a única que tinha uma grande vontade de saber. Era fascinada por tudo o que fosse americano: música, estrelas de cinema, os turistas que víamos. – Um dia vou-me embora para procurar o meu *papa* – prometeu-me.

– Por onde começavas? Nem sequer sabes o nome dele.

– Faço a mãe dizer-me.

– Talvez ele já tenha outra família e não queira conhecer-te.

Rejeitou as minhas palavras com um encolher de ombros. – Não vale de nada preocupar-me com isso. Primeiro preciso de o encontrar.

Até ter visto aquela fotografia na *Confidenze* não percebia porque ela se importava tanto. O que poderia um pai dar-me que eu já não tivesse? Mas a foto mostrou-me como deveria ser uma família – todos juntos, a sorrir e vestidos com a melhor roupa, de mãos dadas: Betty com os filhos, Mario com as raparigas.

– Acho que também gostava de encontrar o meu *papa* – disse eu à Carmela.

Estávamos sentadas com as costas apoiadas nas grades da nossa varanda minúscula, aquecendo a pele num raio de sol vespertino, e a Carmela pintava as unhas com algo que roubara da cómoda da mãe.

– Como achas que ele é? – perguntou-me ela.

Eu fechei os olhos e tentei construir a imagem de um homem de olhos cinza-esverdeados a caminhar ao lado da minha mãe. Mas o rosto dele era indistinto e eu não conseguia imaginar ter-lhe dado alguma vez a mão. – Quem sabe? – disse eu por fim.

A Carmela tentou ajudar. – Tu és linda, por isso ele de certeza que era bem-parecido. E deve ser alto, porque não herdaste a tua altura da Mamma. Já o vês?

– Quase... Não, nem por isso. – Na minha cabeça, o homem transformara-se em Mario Lanza e eu tinha a certeza de que ele não podia ser meu pai.

A Carmela esticou os dedos de unhas escarlates para o verniz secar sem borrar. – Bonita cor – comentou, satisfeita.

– Vais ter de o limpar antes que a Mamma veja.

– Talvez.

– Vai ficar furiosa contigo por lhe desperdiçares o verniz das unhas.

A Carmela fez um ar amuado. – Não é nenhum desperdício. Fica-me bem.

Por baixo de nós o amolador apregoava o seu negócio e a rua começava a encher-se de pessoas. Se esticasse o pescoço, conseguia ver a Mamma sentada lá fora no café com um copo de alguma bebida que a revigorasse para a noite que se avizinhava.

Ela saíra há cerca de uma hora, com as unhas pintadas com o vermelho que a Carmela roubara e uma pulseira nova, dourada. Àquela altura, já todas as amigas a teriam admirado.

– Achas que vamos ser como a Mamma? – disse de repente a Carmela.

– O que queres dizer? – perguntei, surpreendida. Nunca imaginei que alguma de nós seguisse o mesmo caminho que ela. – Porque seríamos como ela?

– Ela acha que sim. Um dia ouvi-a a brincar com isso. Estava a falar com as amigas e elas riam-se e diziam que assim que pusessem as filhas a trabalhar, teriam mais tempo para descansar.

– Mas a Mamma não estava a falar a sério com certeza. – A ideia horrorizava-me.

– Porque não? Com certeza que já te deves ter apercebido. Já tens idade suficiente, Serafina, por isso não demorará a chegar a altura.

– Nunca – afirmei. – Jamais.

A Carmela baixou os olhos para as unhas escarlates. – E como vais viver, então?

Os meus pensamentos nunca tinham ido além das coisas que fazia todos os dias: varrer o chão e fazer a cama, comprar comida e passar as nossas roupas, vaguear pelas ruas de Roma com as minhas irmãs, procurando com que nos divertirmos.

– Não faço a mínima ideia – admiti.

- Devias pensar no assunto – advertiu ela.
- Suponho que o teu plano é cantar?
- Claro. – A Carmela olhou-me, com o rostinho afilado muito sério. – Ajudas-me, Serafina?
- Sim, se puder. Mas como?
- Precisamos de descobrir quando é que o Mario Lanza vem a Roma. Quero cantar para ele. Se ele gostar da minha voz, quem sabe o que poderá fazer? Pode pôr-me no filme dele. Talvez até me ajude a ir para a América.
- Mas, Carmela, és muito nova... – comecei.
- Eu vou cantar. Se não me ajudares, arranjarei forma de me desenvencilhar sozinha.

Invejava à minha irmã a certeza que ela tinha. Mesmo em criança sabia exatamente o que queria. Parecia tão improvável que ela alguma vez conseguisse encontrar-se com Mario Lanza, quanto mais cantar para ele, mas ainda assim prometi ajudar.

Mais tarde, na cama, com uma irmã de cada lado a cheirar a leite quente e a cabelo lavado, remoí o que a Carmela tinha ouvido. Certamente que a Mamma não esperava que as três escolhêssemos a vida dela, que escurecêssemos as pestanas e delineássemos as sobrancelhas e a seguíssemos para as ruas. No entanto, que mais sabia eu fazer? Tirando tratar da casa e cuidar das minhas irmãs, não aprendera nenhum ofício nem tinha estudos. A minha infância ficara para trás e eu devia andar meio adormecida para ainda não ter reparado.

Fiquei acordada, a preocupar-me, até que ouvi uma chave rodar na fechadura e o rangido da porta da frente. Ao meu lado, a Carmela virava-se e suspirava e a Rosalina chuchava no polegar.

A Mamma andava pela sala. Serviu-se de uma bebida, muito provavelmente do vinho tinto da garrafa que abrira ao jantar. Ouviu-se o clique do isqueiro, quando o aproximou do cigarro, e o arranhar da cadeira quando ela se sentou. A minha mãe nunca vinha logo para a cama, por mais tarde que chegasse a casa. Primeiro precisava de relaxar durante algum tempo. E quando finalmente se

estendia no colchão, empurrando-me com as ancas para ganhar espaço, trazia um cheiro almiscarado agarrado à pele, fumo de cigarro também, talvez, e a acidez do vinho no hálito.

– Mamma – murmurei, quando ela empurrou a porta do quarto.

– Serafina, ainda não estás a dormir?

– Está muito calor – menti.

– É tarde... amanhã de manhã vais estar cansada.

– Mamma, aonde foste hoje à noite?

– Aonde? Oh... Aos sítios habituais. Foi uma noite boa. Amanhã talvez possamos ir comprar algum tecido para te fazer um vestido novo. – Falava com esforço, mudando a Rosalina para o colchão. – Precisas de uma coisa bonita, talvez em verde, para con dizer com os teus olhos.

– Sim... talvez. – Um vestido novo era tentador.

Deitou-se e fechou os olhos. Já tinha a voz ensonada. – Alças finas – murmurou. – Um decote em coração.

Quase não dormi naquela noite, e os meus sonhos foram imprecisos e assustadores. Na manhã seguinte, acordei com uma dor de cabeça e a boca pastosa. Não estava com paciência para as minhas irmãs e ralhei com a Rosalina por demorar tempo de mais a apertar as sandálias e discuti com a Carmela por causa do verniz que ela tinha nas unhas.

– Não podes ir assim para a escola – disse-lhe.

– Também não quero ir. Queria ir cantar para a Piazza del Popolo e depois passear nos jardins.

– Hoje não.

– Não é justo – choramingou ela ao ver-me embeber uma bola de algodão em acetona. – Porque é que eu tenho de ir para a escola se tu não tens de ir?

– Porque foi a Mamma que disse. Hoje ela vai comigo comprar tecido para um vestido novo e eu não tenho tempo para andar a palmilhar a cidade convosco.

– E daí? Vamos sem ti, não vamos, Rosalina? – Como sempre, a minha irmã mostrava-se teimosa.

– Não, vocês vão para a escola. – Agarrei-lhe na mão e comecei a esfregar-lhe o polegar. – Vou levar-vos quer gostem quer não. Mas prometo-vos uma coisa: quando regressarmos, vou comprar todas as revistas que puder. Não querem saber se há mais notícias sobre o Mario Lanza?

– Sim, acho que sim – disse ela.

A Carmela acalmou o tempo suficiente para eu lhe limpar o resto do verniz. Com as unhas limpas e normalíssimas, foi amuada o caminho todo para a escola e eu fiquei contente quando foi engolidada pelo bando de raparigas e passou a ser o problema de outra pessoa até à hora de almoço.

Aliviada por me ver livre dela, fui até ao mercado de Testaccio para comprar comida. Movimentando-me rapidamente de banca em banca, tinha o cuidado de procurar pechinchas, enchendo o cesto com tomates tão maduros que só serviam para fazer molho, a ponta amolecida de um parmesão que ainda se usava bem na sopa, pão que era barato porque a côdea estava castanho-escura de ter queimado, alcachofras minúsculas que tinham de ser comidas rapidamente.

Todas as noites cozinhava para a família, confeccionando pratos que a Mamma me ensinara, comida de camponeses que ela deve ter aprendido a fazer com a mãe dela, e os pratos romanos de que ela gostava mais. Com tão pouco espaço e apenas um minúsculo fogão, havia limites para aquilo que conseguia fazer, mas dava o meu melhor. Fritava bacalhau de salga com cebolas, fazia saladas de chicória amarga e anchovas, ou tigelas transbordantes de *pasta*, cremosa com gemas de ovos e salgada com toucinho fumado. Quando as minhas irmãs provavam a comida e sorriam, eu sentia-me feliz.

Com o cesto tão pesado, a caminhada de Testaccio até casa parecia-me sempre comprida e lenta. Invejava as raparigas que passavam por mim em motoretas, sentadas à amazona e com o cabelo a esvoaçar ao vento. Uma ou duas vezes pousei as compras no chão, arrependendo-me da promessa de comprar revistas. *Tempo*, *Novella* e *La Settimana* – precisava de todas, pois não fazia ideia de qual poderia trazer notícias de Mario Lanza.

O apartamento estava mergulhado em silêncio e a Mamma ainda dormia. Tentando não a acordar, movia-me cuidadosamente, começando a preparar um molho para o jantar, cortando uma cebola e fritando-a devagar numas aparas gordas de vitela que o talhante me vendera por tuta-e-meia. Assim que os tomates cortados em cubos começaram a ferver em lume brando com um fio de azeite, espalhei as revistas em cima da mesa e lancei-me numa análise lenta do conteúdo, procurando o nome de Mario Lanza ou, melhor ainda, outra fotografia.

Distraída com horóscopos e com os desenhos dos últimos modelos, não fui longe. Passei meia hora a debater-me com as palavras e entretanto a Mamma apareceu, embrulhada num velho roupão de seda cor de laranja. Parecia esgotada. Pela primeira vez reparei nas rugas que começavam a formar-se por baixo dos seus olhos e nalguns fios cinzentos que lhe raiavam o cabelo.

– Faz-me um pouco de café, *cara* – pediu, com a voz rouca e já a esticar o braço para o maço de cigarros. – E uma fatia daquele pão com um bocado de doce, se tivermos.

Puxando uma cadeira para perto da janela aberta, suspirou e acendeu um cigarro.

– Estás cansada, Mamma? – perguntei, cortando o pão e cobrindo-o com uma espessa camada de compota de damasco.

– Fico melhor assim que comer e tomar um banho. Vamos às compras, não é? Parece-me que temos de encontrar um tecido de um verde bonito para ti.

– Alças finas e um decote em coração – recordei-lhe.

Ela esfregou os olhos e sorriu. – Certo... Vais ficar muito sofisticada. Uma mulher, finalmente, hein, Serafina?